

MELOLÍSTICA E MELODANCE: UMA PEDAGOGIA VÍVIDA ENTRE JOVENS, CORPORALIDADE E MÚSICA

Patrícia Wazlawick (UFSC)
Paula Bazzo (FaculdadeAM, UFSM)
Gabriela R. de Oliveira (FaculdadeAM, UESP)

Resumo: Este trabalho investiga a experiência de melolística e melodance com jovens que vivenciaram estes instrumentos de aplicação da Ciência Ontopsicológica. O objetivo é evidenciar uma nova percepção e relação com a música, bem como os efeitos da mesma em relação ao conhecimento de si, do corpo, emoções e aspectos que indiquem sanidade e maior vitalidade do ser humano em suas diversas dimensões. A abordagem da pesquisa é qualitativa, com questionários (questões abertas e fechadas), e realização de entrevistas. A importância do estudo na área da música configura-se para o desenvolvimento de uma percepção voltada à identificação da funcionalidade da música para o ser humano, a qual deve se fazer presente nos âmbitos da educação musical e da formação de adolescentes/jovens, tendo em vista as diversas experiências vividas com a música no cotidiano. O estudo está em desenvolvimento, com conclusão até o final de 2009.

Introdução e breve contextualização

Os adolescentes e jovens vivem relações com a(s) música(s) em seu cotidiano de diversas maneiras. É importante ressaltar, que se trata de uma compreensão pautada pelo caráter de pluralidade, ou seja, um horizonte aberto à multiplicidade e diversidade das formas de existir nos contextos de vida, como pontuado em Janzen e Arroyo (2007) sobre relações entre juventude, música e educação. Neste sentido, segundo Corti e Souza (2004) “o campo das experiências da juventude brasileira é extremamente diverso e múltiplo, o que implica diversas maneiras de viver a juventude” (p. 14), e diversas maneiras dos adolescentes e jovens vivenciarem e experimentarem a música.

Muitos estudos no Brasil e outros países investigam sobre a temática da formação da identidade e constituição dos sujeitos junto aos fazeres musicais realizados pelos próprios sujeitos. Janzen (2006) afirma que “um dos elementos essenciais para a formação da identidade do jovem e do adolescente é a música” (p. 1).

Wazlawick (2004, 2006) em estudo na área de psicologia na abordagem histórico-cultural, sobre jovens e suas histórias de relação com a música, destaca que os jovens vivem situações concretas enquanto constituindo-se sujeitos, onde se dá a utilização viva da música. Utilização essa que é pessoal e social, de acordo com as implicações com a música nos contextos

locais de vida, onde se constroem os significados e sentidos para a música, e onde as músicas são constitutivas dos jovens como sujeitos.

Even Ruud (1998), musicoterapeuta norueguês, no estudo “Música e Identidade”, com mais de 650 jovens, ressalta que ouvir, tocar, falar sobre música não é somente uma reflexão da identidade quanto uma *maneira de representar* o sentido de si mesmo, da identidade. Dessa forma, o sentido da identidade dos jovens é constituído também nas relações com as músicas que escolhem, apreciam e cultivam.

DeNora (2000) citada por Arroyo (2006), salienta que a relação dos jovens com a música envolve sentimentos, percepção, cognição, consciência, corporalidade, vivenciados densamente no cotidiano. Discutem a respeito de como a escola dá espaço e está acompanhando na sociedade contemporânea as relações do jovem com a música, de acordo com as diversas roupagens das culturas juvenis, tendo em vista o processo de formação/educação dos jovens.

Para a música não temos filtros...

Partindo da evidência de que não existem barreiras para a música no corpo, de que todo som e música, por sua natureza física, impacta de modo direto e intenso, e de que a música provoca reações/efeitos biológicos, físicos e psico-emocionais no ser humano, urge a questão: as músicas cultivadas pelos adolescentes e jovens são funcionais, ou seja, circunscrevem relações que portam ganho, crescimento vital e criatividade para si mesmos? Ou configuram relações muitas vezes repetitivas, de perda de vitalidade, de certo modo ‘patológicas’?

Uma realidade presente no cenário da juventude, de acordo com diversas épocas/contextos de vida, são as mais variadas formas de festas como divertimento preferido pelos jovens. Ao serem consideradas ‘descontração’ articulam sons, músicas em forte intensidade, vários gêneros musicais apreciados pelos jovens, danças, e o sentir a música no corpo ‘deixando-se levar...’, para se ‘jogar’ nessa experiência. Situação vivida por muitas pessoas, que, no entanto, nem sempre é inofensiva. Nos embalos da música e divertimento os jovens (re)combinam muitas coisas, dentre elas o uso de drogas entorpecentes, tal como o *ecstasy* – situação encontrada consideravelmente na literatura que relaciona juventude/música/divertimento -, principalmente nas festas *raves*, banhada por música eletrônica (ARANGO, 2005). Não apenas na literatura, essa é uma situação em expansão que relata a realidade de muitos jovens.

Neste ponto importa ressaltar que nossa posição frente à temática não é maniqueísta, preconceituosa ou de juízos de valor. Buscamos discutir os argumentos que se entrelaçam

fazendo realçar nessa trama o caráter responsivo de cada sujeito, as escolhas, a responsabilidade frente a si, à vida, às relações. Não realizamos uma análise sociológica ou macrosocial, porém direcionamos o olhar para o modo como essas experiências podem acontecer no singular, no sujeito situado aqui-agora, responsável, que pode experimentar a música de modo mais saudável em sua vida.

Pautados por essas compreensões, entendemos que os usos da música no cotidiano dos adolescentes/jovens é também uma questão de educação, formação e educação musical, de modo amplo. Buscamos uma ênfase nos aspectos de que os jovens possam aprender e afinar sua percepção sobre as músicas e experiências musicais que lhes fazem bem, que ampliem seu bem-estar, onde tenham ganho de crescimento como pessoas, e não apenas uma atividade onde desperdiçam sua energia vital. Esse aprender deve ser da relação única que cada um pode estabelecer com as músicas: aprender de si mesmo junto da relação com a música.

Objetivos e Sujeitos de Pesquisa

Este projeto de pesquisa¹, de abordagem qualitativa, ocupa-se da investigação acerca da experiência de melolística e melodance (MENEGHETTI, 2004), que são dois instrumentos de aplicação da Ciência Ontopsicológica². O objetivo geral é evidenciar uma nova percepção e relação com a música, bem como os efeitos em relação ao conhecimento de si, do corpo, emoções e aspectos que indiquem sanidade e maior vitalidade do ser humano em suas diversas dimensões.

Para as finalidades desse trabalho, destacamos algumas perguntas a serem analisadas: de que modo jovens e adolescentes vivenciam a música em suas vidas? Quais músicas? São músicas vividas e experienciadas de modo funcional, tendo em vista a vitalidade dos sujeitos? Essas vão acompanhadas da premissa de que “a música é um dos meios mais eficazes para ‘mover’ os jovens” (DEL LARGO, 2001, p. 52).

A importância do estudo na área da música configura-se para o desenvolvimento de uma percepção voltada à identificação da funcionalidade da música para o ser humano, a qual deve se fazer presente nos âmbitos da educação musical e da formação de adolescentes/jovens. Esse

¹ O estudo está em desenvolvimento e pretende ser concluído até o final de 2009, Faculdade Antonio Meneghetti.

² Ciência Ontopsicológica desenvolveu a compreensão da música como ordem de vida (MENEGHETTI, 2007. *A música como ordem de vida.*). Existe uma musicalidade ínsita nas células do corpo humano, que quando traduzida em música proporciona harmonia, equilíbrio e vitalidade. Por meio das próprias descobertas essa Escola desenvolve a técnica de colher a musicalidade da vida e a traduz em uma experiência única de vivência criativa tendo como escopo a sanidade psico-biológica do ser humano.

trabalho também se propõe a analisar o modo como esses se relacionam com a música em contextos de divertimento, tal como as festas, onde se conjugam músicas e danças – lembrando que são contextos de ‘formação’ do sujeito, de aprendizagem de si, da vida, das relações, do mundo - e, em vista disso, apresenta duas possibilidades de vivenciar de modo prazeroso, positivo e de satisfação vital o corpo, a música, a própria energia, a saber: os instrumentos de melolística e melodance utilizados pela Ciência Ontopsicológica.

Para tanto, participarão da pesquisa trinta jovens de ambos os sexos, que já tiveram experiência direta da vivência de melolística e melodance. As informações serão coletadas por meio de questionários - questões abertas e fechadas, e entrevistas. Será realizada análise do discurso (BAKHTIN, 2006; AMORIM, 2002).

Melolística e Melodance

A melolística e a melodance são demonstradas como possibilidades de uso da música e da dança como divertimentos saudáveis e funcionais (de ganho pessoal) para os adolescentes/jovens, e como uma forma de pedagogia de si mesmo – de aperfeiçoar a percepção de si, do corpo, de aprendizagem da sanidade harmônica do corpo, de desenvolver criatividade e capacidade expressiva, de estímulo à descoberta de partes desconhecidas de si/corpo que não são levadas em consideração, de desenvolvimento da criatividade (CANGELOSI, 2001).

A melolística é um instrumento da Ciência Ontopsicológica que utiliza a música, tocada por um condutor formado nesta escola, e a dança, que é efetuada pelos participantes com o objetivo de reconstituição e potencialização da sanidade organísmica, bem-estar psicofísico e funcionalidade psico-emotiva. É definida como a instrumentalização da música e da dança com a finalidade de obtenção da saúde estética e criativa aos participantes (MENEGETTI, 2000, 2004, 2005).

As práticas de melolística e melodance distinguem-se da musicoterapia tradicional, uma vez que esta última possui, principalmente, muitas aplicações no âmbito de patologias em geral. Substancialmente, a música é usada como instrumento para atenuar situações de dificuldade. A melolística e melodance, por sua vez, direcionam-se a pessoas já biologicamente sadias e socialmente integradas, visando o aprendizado da sanidade harmônica do próprio corpo, o despertar da criatividade, servindo como instrumento de regeneração de vitalidade e inteligência.

O objetivo da melolística é ser um instrumento a mais para proporcionar ao sujeito condições de investir a própria sanidade no interior de seu âmbito social. É um instrumento que nasce como atividade total psico-corpórea em função de um prazer estético e de uma

potencialização da pessoa, e constitui-se um completo ‘ajuste’ do ecossistema fisiológico e emocional. A partir daí, ampliam-se a leveza e a transparência nas funções intelectivas e volitivas (MENEGHETTI, 2000, 2004, 2005).

Em termos práticos, na melolística a música é tocada por um melolista formado, que utiliza tambor tipo congas (tumbadoras) e demais instrumentos de percussão (bongôs, maracas, xilofones, castanholas, sinos, pandeiros, etc.). Esse tambor ressoa completamente no diafragma (CANGELOSI, 2001), por meio do qual é tocada uma música onde não há repetição, é novidade a cada momento, sem basear-se em estilos musicais predefinidos.

No nosso organismo já existe uma harmonia, uma ordem e é necessário colocar-se sob essa intenção-base e viver da sua intrínseca festa e força (...). Nessa Escola se expõe externamente um ritmo que é amplificação da música original que cada um tem já dentro de si. Portanto, não se trata de ensinar a música ao corpo, mas de “tocar a música do corpo” (MENEGHETTI, 2000, p. 34).

Como efeito imediato da melolística há o desaparecimento de mal-estares psicossomáticos e a revitalização do organismo como um todo. Os efeitos são de nível biológico; psicofisiológico-emotivo; psicointelectivo (MENEGHETTI, 2000, 2004, 2005). Como âmbitos de aplicação, além da aplicação com adolescentes/jovens, inclui-se a psicologia da saúde (bem-estar holístico), estética e expressão criativa, esporte, escola e educação, música e arte.

Derivando da melolística, a melodance, por sua vez, “é um modo de dançar que interpreta qualquer musicalidade rítmica antiga ou moderna, com os critérios da melolística” (MENEGHETTI, 2004, p. 404). Na melodance se dá a utilização de músicas e passos de dança codificados, executados de olhos abertos, e combinados ou alternados com o ritmo produzido por instrumentos de percussão (ibid.). Desse modo, a melodance direciona-se aos jovens devido também à sua função de socialização, onde o grupo assume uma considerável importância, pois é uma presença viva e co-envolvente, onde o movimento do corpo e a dança em base à música têm como tônica o divertimento e o constante referimento ao prazer.

A música (do *rock’n roll* ao *break dance*, do *funk* ao *hip-hop*, da *valsa* ao *saltarelo*, etc.), se torna um pretexto para dançar consigo mesmo entre os outros, sem esquemas mentais. Em alguns momentos, além disso, essa é acompanhada pelo som de instrumentos de percussão (tambores, bongôs, etc.), para repropôr aos participantes o *ritmo diafragmático* (...) indispensável para retomar contato com o cérebro visceral, e evitar a fadiga. Sem perceber, então, os participantes recarregam-se de energia e no final do encontro não advertem nenhum cansaço, não obstante tenham dançado e suado mais do que durante uma aula de aeróbica (MENEGHETTI, 2004, p. 405).

Sendo assim, apresentamos possibilidades outras de vivenciar e experimentar o som, a música, corpo, movimento, dança, a todos os sujeitos, e de modo mais especificado aos jovens. Uma possibilidade vívida e cheia de entusiasmo, que são características dessas atividades.

A música, em ambas as atividades mencionadas, porta um movimento que “é saúde, é sanidade, sempre dentro de uma relação de proporções que fazem equilíbrio” (Meneghetti, 2003, p. 298). Para também nos mostrar e trazer um convite, de começarmos a acordar para viver a arte, as criações estéticas/artísticas, e também fazer uma pedagogia vívida, ou seja, começarmos a nos educar a modos mais sadios e coerentes de vida, no miricismo³ cotidiano de nossas ações e relações, e aperfeiçoar/innovar o próprio estilo de vida. Uma educação para a arte e a estética na beleza humana de ser mais funcional para si mesmo, consentindo a positividade de viver esse mais.

Referências

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, Campinas, n. 116, p. 7-19, 2002.

ARANGO, Julian J. *Homens, máquina e homens-máquina: o surgimento da música eletrônica*. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação Mestrado em Multimeios, Universidade de Campinas, UNICAMP, 2005.

ARROYO, Margarete. Culturas Juvenis – Música e escola: o que a literatura problematiza. In: XVI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), 2006.

BAKHTIN, Mikhail M. (Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CANGELOSI, Annalisa. Melolística. *Rivista Nuova Ontopsicologia*, Roma, n. 1, p. 44-51, 2001.

CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. *Diálogos com o mundo juvenil: subsídios para educadores*. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

DEL LARGO, Erika. Quale musica? *Rivista Nuova Ontopsicologia*, Roma, n. 1, p. 52-53, 2001.

DENORA, Tia. *Music in everyday life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

JANZEN, Thenille Braun. Compreender quem são os adolescentes e jovens para melhor entender suas interações com a música. In: 6º ENCONTRO DE REFLEXÕES E AÇÕES NO ENSINO DE ARTE, UBERLÂNDIA, UFU, 2006.

³ “Caso se queira chegar a uma revolução de si mesmo, é necessário estar atento a todas as pequenas coisas (...). As ‘pequenas coisas’ são o miricismo cotidiano, o ‘micro-mundo’ que o indivíduo deve cuidar se quer ser vencedor no ‘macro-mundo’” (MENEGHETTI, 1999, p. 62).

JANZEN, Thenille Braun; ARROYO, Margarete. Adolescentes-Jovens-Música: Compreendendo essa relação a partir de um levantamento bibliográfico na área da educação musical. *Horizonte Científico*, v. 01, 2007.

MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Melolística*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. *Manuale di Melolistica*. 3. ed. Roma: Psicologica Editrice, 2000.

MENEGHETTI, Antonio. Melolística. In: MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004. p. 397-405.

MENEGHETTI, Antonio. *OntoArte. O Em Si da Arte*. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 2003.

MENEGHETTI, Antonio. *A música como ordem de vida*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2007.

MENEGHETTI, Antonio. *Projeto Homem*. 2. ed. Florianópolis: Ontopsicologica Editrice, 1999.

RUUD, Even. *Music Therapy: improvisation, communication, and culture*. Gilsum: Barcelona Publishers, 1998.

WAZLAWICK, Patrícia. Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de musicoterapia. *Revista Científica da FAP*, Curitiba, v. 1, p. 181-199, 2006.

WAZLAWICK, Patrícia. *Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de musicoterapia*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFPR, Curitiba, 2004.